



Jurnee Smollett
interpreta a
autodestrutiva
Michelle em
Cortina de Fumaça



Fogo de verdade

“A maioria das cenas que vocês vão ver é com fogo de verdade”, conta Dennis Lehane. Ele lembra que havia um incômodo principal e primário de que fazer uma história sobre fogo seria ter que usar computação gráfica para simular os grandes incêndios. Por isso a opção foi usar a tecnologia analógica e os efeitos visuais práticos. “Em filmes de mais de 30 anos atrás, o fogo ficava melhor do que agora, porque o efeito visual era prático. Então, a decisão foi por fazer tudo de forma mais real possível, sempre que desse o fogo seria de verdade”, detalha.

nos destruir”, diz Smollett. A co-protagonista se disse afetada pessoalmente pela personagem que interpretou e levanta outra indagação da história: “Quão longe é longe demais? Esse é um bom questionamento de *Cortina de fumaça*”.

“Não é uma história de heróis típicos. Isso faz da narrativa autêntica e honesta, ninguém é mocinho nem vilão”, avalia Smollett, que acredita que isso traz mais honestidade ao que está sendo contado. “Ninguém é uma coisa só. É verdadeiro com a história escrever personagens que possuem defeitos”, completa.

A moral distorcida em todos níveis de atuação da trama faz com que personagens, como o protagonista Dave, sejam uma linha tênue entre o atrativo e o malicioso, no bom português, um gaiato. “Acredito que eu sou bom nesses personagens ‘gaiatos’”, destaca o ator principal em resposta ao **Correio**. “Esses são os papéis que me seduzem. Ainda vou interpretar alguns desses nos próximos meses”, antecipa.

O ator, que teve o primeiro estouro da carreira ao interpretar um agente secreto descontraindo em

Kingsman, viu-se indicado ao Emmy vivendo o criminoso James Keene em *Black bird* e entrou para lista de vencedores do Globo de Ouro com um versão bem real de Elton John em *Rocketman*, mostrando que tem uma grande capacidade de transmitir ambiguidade na tela. “Para alguém que começou a carreira fazendo personagens mais heroicos, há algo interessante em fazer um pouco de merda”, brinca.

Suspense em evidência

Apesar de todo gênero estar um pouco subvertido na proposta de *Cortina de fumaça*, essa ainda é uma série de investigação policial com mistério e reviravoltas. Apesar de tratar de fogo e não de assassinatos e de ter personagens humanos e defeituosos, a dinâmica é de uma caça, algo como gato e rato. “Há uma tensão muito grande nessas dinâmicas de gato e rato, um sentimento de que algo grande é colocado à prova. Isso faz as grandes histórias serem grandes”, destaca Taron Egerton.

A forma distinta como a narrativa é construída é o que diferencia essa produção das demais do gênero. “É uma série que precisávamos acertar grande, não dava apenas para ser um acertinho. Tudo começa já de forma elevada e empolgante e precisava se desenrolar para se tornar maior e maior”, reflete Ntare Guma Mbaho Mwine, responsável por Freddy, o primeiro incendiário que o público conhece no seriado. “Nós somos como químicos tentando juntar vários elementos e esperamos que a poção que criamos gere um impacto”, acrescenta.

“Eu realmente acho que o formato está reinventado, parece novo para mim nesse mundo em que tudo já foi feito de alguma maneira”, enxerga Greg Kinnear, outro ator que volta a trabalhar com a equipe após o sucesso de *Black bird* e é o nome que dá vida ao papel de Harvey Englehart. A percepção do artista é de que a execução da série faz dela única, que a forma como a história foi escrita é elevada por esse bom trabalho para fazer tudo sair do papel. “Eu espero muito que as pessoas captem a essência da série. É muito bem escrita e executada”, almeja.